

O índio no discurso da imprensa escrita

DAI.VA DHL VIGNA

Abstract

Brazilian Indians have been confronted with many different problems in the process of contact with the non-indigenous population. This paper presents a research of newspaper reports about the Indians. These reports show how language can be used to guide readers' view. Thus, language can, at times, be instrumental to ideology.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar os implícitos e as contradições entre o dito e a prática no discurso sobre o índio na imprensa escrita.

A análise será desenvolvida com base no conceito de linguagem como guia de ação. O conceito de linguagem como guia de ação tem dois sentidos: a) um fraco, onde a linguagem é usada pelo falante para direcionar ou influenciar o comportamento do ouvinte para determinados propósitos ou para recomendar um curso determinado de ações e b) um forte, onde a linguagem é um guia de ação não apenas quanto à intenção dos falantes em direcionar as ações dos ouvintes em um contexto particular, mas em relação a certas convenções de uso que fazem da linguagem em si mesma um guia de ação, envolvendo tanto falantes quanto ouvintes (Souza, 1983a).

A linguagem como guia de ação pode ser encarada como ideológica. Sendo ideológica, tem seu caráter diretivo determinado por valores e interesses provenientes da sociedade específica ou grupo dominante e mantém, até certo ponto, uma relação implícita entre a função diretiva e esses interesses e valores específicos, com o fim de garantir o sucesso da função diretiva da linguagem.

No sentido ideológico, a linguagem tem um caráter manipulatório que é contrário à função tradicional, onde os falantes têm controle sobre a mesma. A relação entre os falantes e a ideologia contida na linguagem é inconsciente, na maioria dos casos. O falante/ouvinte não tem controle sobre esse tipo de linguagem.

Vou procurar analisar também os casos de falhas ou ruptura na comunicação que podem trazer implícitos elementos ideológicos que visam a direcionar o pensamento do leitor para um ponto específico.

O trabalho começou a tomar forma na leitura de textos jornalísticos que abordavam a questão indígena no Brasil. Comecei a observar que, na maioria dos textos, o discurso era desfavorável ao índio.

Através da comparação entre textos de jornais e revistas diferentes fui descobrindo que, mesmo trabalhando com dados reais, as reportagens traziam implícitos elementos que podiam causar efeitos negativos ao índio diante da população brasileira não-indígena. Observei também que os textos traziam proposições clássicas negativas sobre os índios. Tais proposições são: "o índio é selvagem", "os índios não necessitam de grandes áreas territoriais", "o índio vive de caça e pesca" e "os índios são indolentes", entre outras.

A partir daí, comecei a ler sobre a linguagem como um meio de dirigir e influenciar a opinião das pessoas para determinado ponto. Interessei-me pela linguagem como um guia de ação, onde ela é ideológica e serve aos interesses de um grupo ou sociedade dominante.

Desse interesse nasceu o trabalho. Os dados vêm de duas fontes da imprensa escrita: jornal e revista. Escolhi textos que abordam o problema da terra, ecologia, racismo e mineração em área indígena. Os recortes foram extraídos de três jornais, o *Correio Braxiliense*, *O Globo* e *O Dia* e de duas revistas, *Veja* e *Afinal*.

Não é um trabalho exaustivo, mas a tentativa inicial de uma pesquisa mais ampla a ser desenvolvida em outra ocasião. Sendo um trabalho inicial, as conclusões aqui apresentadas poderão ser modificadas e/ou ampliadas em análise posterior.

Discurso e ideologia

Vivendo em sociedade, os seres humanos têm necessidade de interagir com os semelhantes. Ao interagir socialmente por meio da língua, os falantes demonstram ou ocultam suas intenções. Esse caráter intencional da linguagem é ideológico porque são utilizados recursos que visam a obter efeitos sobre ouvintes e leitores. No discurso, tanto oral quanto escrito, estabelece-se entre falante/autor e ouvinte/leitor uma relação que é marcada pela intencionalidade. Com relação ao texto, ele não se constitui apenas um meio de transmitir informações; vai além da simples função informativa; há entre o texto e o leitor, o processo de interação, a ideologia (Orlandi,1987). A ideologia não aparece no texto de forma explícita. Ela aparece como um processo tácito que pode determinar o comportamento do leitor. Orlandi(1988:11) diz:

"Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando."

Segundo Danilo Marcondes de Souza (1983b):

"Ideologia se define classicamente de acordo com dois elementos: uma função valorativa, normativa, diretiva que corresponde aos interesses de um grupo ou classe dominante numa sociedade: e o ocultamento desta função e de sua origem, produzindo-se uma ilusão de objetividade que de resto é indispensável para **que** a ideologia exerça sua função diretiva".

Desta forma, a ideologia está presente na linguagem de forma tácita, não transparente, pois, caso se apresentasse de forma transparente, seria logo identificada e não poderia obter os efeitos perlocucionários esperados.

Ideologia é tratada aqui como produção de idéias que leva homens e mulheres à alienação e a uma forma de ação que esteja de acordo com os interesses dos poderosos. É um dos meios usados por grupos dominantes para exercer dominação e manipulação (Chauí, 1983).

A ideologia vem embutida no texto como uma filosofia associada ao consenso. Consenso entendido como uma forma de legitimar e manter as relações desiguais de poder na sociedade. A ideologia associa-se ao consenso quando é compartilhada pela maioria dos membros de uma sociedade ou instituição (Fairclough, 1989).

Ideológica e intencional, a linguagem pode ser caracterizada como um guia de ação: o falante/autor tenta influir no comportamento do ouvinte/leitor ou tenta fazer com que o ouvinte/leitor compartilhe determinadas opiniões (Souza, 1983). Alguns desses usos lingüísticos são caracterizados como rupturas na comunicação: a) quando nenhuma comunicação é possível pelo fato de falantes/autores e ouvintes/leitores falarem línguas ou dialetos diferentes; b) quando a comunicação é possível apenas no sentido lingüístico, ou seja, falantes e ouvintes não dominam as regras pragmáticas que efetivam a comunicação; c) quando o falante/autor usa expressões vagas e ambíguas para enganar e/ou direcionar o ouvinte/leitor para algum ponto específico; d) quando o falante/autor comete equívocos e mal-entendidos não intencionais (Souza, 1985).

Ao trabalhar a linguagem, o falante/autor pode ainda utilizar-se do recurso da pressuposição, que defino, seguindo Brown e Yule (1983), como elementos compartilhados pelos participantes dos atos comunicativos. Ducrot (1987: 20), tratando do pressuposto afirma que:

"...ele é apresentado como uma evidência, como um quadro incontestável no interior do qual a conversação deve necessariamente inscrever-se, ou seja, como um elemento do universo do discurso. Introduzindo uma idéia sob forma de pressuposto, procedo como se meu interlocutor e eu não pudéssemos deixar de aceitá-lo".

No discurso sobre o índio na literatura, temos as proposições clássicas de que "o índio vive de caça e pesca, adora Tupã, fala Tupi", entre outras, que legitimam a ideologia de que os índios são um grupo que em nada pode contribuir para o desenvolvimento do Brasil. Estas proposições mutuamente conhecidas pelos participantes do discurso contribuem para reforçar nos leitores a ideologia proposta pelo autor.

O índio na imprensa escrita

Com base nesse conceito de linguagem como guia de ação, passarei a examinar o discurso sobre o índio na imprensa escrita, com o objetivo de trazer à tona os pressupostos e a ideologia implícitos no mesmo. A ideologia implícita pode levar os leitores a uma determinada forma de pensamento com relação às comuni-

dades indígenas, o que pode resultar em efeitos perlocucionários negativos por parte da população não-indígena brasileira.

Os textos serão transcritos de forma resumida nesta seção V Para fins práticos, seguirei o seguinte esquema de apresentação da análise: texto, idéias expressas, pressupostos.

Iº Texto: Todos no Morumbi, *Veja*, 05/07/89.

O pequeno curumim yanomami que apenas começa a engatinhar em sua aldeia no norte de Roraima já é mais rico que 90% dos brasileiros. Os 136.000 índios brasileiros que vivem na Amazônia ocupam hoje 82 milhões de hectares de terra, o equivalente a 10% do território nacional. Juntos eles caberiam no Estádio do Morumbi. Se essas terras fossem divididas segundo critérios do homem branco, cada índio amazônico teria direito a uma fazenda de 6 quilômetros quadrados. Se todos os brasileiros tivessem ao nascer a mesma porção de terra, o Brasil só poderia abrigar 14 milhão de pessoas - ou o país teria de ter um território igual a quatro vezes a soma da área total dos cinco continentes. Para os próprios yanomamis e para as demais nações indígenas esses números pouco significam.(...)

(...) Mesmo onde as terras estão razoavelmente demarcadas, os limites estabelecidos pela lei não valem quase nada. Só no ano passado, por exemplo, os 10.000 índios de Roraima tiveram suas reservas invadidas por 20.000 garimpeiros.^..)

Assim tem sido desde que Cabral chegou ao país que batizou de Terra de Vera Cruz. Nela viviam 5 milhões de selvagens. Houve tempos duríssimos.(...)

Não há hoje genocídio indígena ocorrendo no país. A situação das tribos é difícil, se bem que nunca antes elas tenham tido uma simpatia tão disseminada entre a sociedade branca.(...) A par de sua redução numérica, os índios tiveram multiplicada sua importância enquanto símbolos. Para os próprios índios, eles não são símbolos de coisa alguma: querem apenas viver em paz com seus costumes, cocares, radinhos de pilha e videocassetes.

(...) Quanto mais industrializada e cinza a sociedade, mais ela preza o verde e os povos da floresta, maior o seu interesse pelos índios, pelos "diferentes", pelos "exóticos", como os que bailam ornamentados de palha da cabeça aos pés, caso dos carajás do Alto Araguaia.

Restando apenas onze anos para o fim do século, o índio brasileiro vive uma situação peculiar. O homem branco procura tratá-lo como um igual, mas ao mesmo tempo o considera uma figura exótica. Ele ainda é o "bom selvagem" de Jean-Jacques Rousseau, ainda que tenha uma existência concreta: o autor do Discurso sobre a Desigualdade Social jamais esteve numa tribo. Ninguém melhor que o cacique txucarramãe Raoni, com seu lábio enorme, para representar essa imagem. Acompanhado pelo roqueiro inglês Sting, ele esteve com o papa João Paulo II e com o presidente francês François Mitterrand. Raoni, que é cacique de uma tribo de 398 índios, foi recebido por ambos com honras de chefe de Estado. Nunca, no entanto, a roqueira Madonna cogitou em convidar o prefeito Antônio Carlos Rodrigues Dias, do PFL, para apresentá-lo ao papa. Dias é prefeito de Anhangüera, em

Os textos integrais poderão ser consultados diretamente com a autora.

Goiás, a cidade brasileira com menor número de habitantes: vivem 584 pessoas no município. Nem Paul McCartney quis levar Antônio Carlos Berenguer a Miterrand. Berenguer é superintendente da Companhia de Urbanização de Salvador, que conta com 400 funcionários. Amável na frente das câmaras de televisão, Raoni foi breve nas suas reivindicações para europeu ver: ostentando um cocar com as cores da França, ele disparou, num misto de francês com português: "Aidezmoi a guarda o mato", afirmou.

Três rotas distintas abrem-se no horizonte da sobrevivência indígena: o isolamento total do homem branco, o intercâmbio cultural e econômico ou a aculturação completa. O isolamento total é uma utopia - para a sociedade branca, o progresso é uma ordem, um destino, que fatalmente bate nas tribos. A aculturação completa representaria a perda das diferenças. Aos índios aculturados restaria a chance de estabelecerem uma parceria justa com os brancos e conseguir que seus descendentes entrem na civilização sem perder a identidade cultural. "Os americanos dizimaram seus índios, mas no Brasil o índio virou prefeito e até governador", diz Octávio Lacombe, presidente da Mineração Paranapanema, pioneiro do desbravamento da Amazônia. "Nos Estados Unidos, os índios vivem em guetos nas reservas, mas aqui se casam com as moças brancas, viram soldados do Exército, dentistas e padres."

PE DE GUERRA - No caminho do intercâmbio, começa a se firmar entre as lideranças indígenas a idéia de que é possível negociar de igual para igual com os homens brancos. Os índios caiapós, que têm 1.700 membros espalhados por 3,2 milhões de hectares de terras no sul do Pará, há anos aceitam que garimpeiros e madeireiros tentem a sorte em seus domínios, desde que paguem uma taxa de utilização da terra. "Perdemos algumas coisas, mas ganhamos outras, e, no geral nossa vida melhorou", afirma o guerreiro Kroy, 36 anos, da Aldeia Gorotire, (...).

Apesar do intercâmbio, os caiapós ficaram em pé de guerra contra a Eletro-norte, deblaterando contra a construção da Hidrelétrica de Kararaô, que teve até de mudar de nome. Quando a hidrelétrica ficar pronta, o caiapó mais próximo estará a 600 quilômetros do canteiro de obras. Mesmo assim, os índios terão direito a indenizações. (...).

(...) "Os Estados Unidos tiveram o cacique Touro Sentado", diz Elton Roh-nelt, o aventureiro mais bem-sucedido da Amazônia. "Nós temos muitos caciques sentados sobre ouro."

Idéias expressas

- a criança yanomami já é mais rica que 90% dos brasileiros;
- 136 mil índios ocupam 82 milhões de hectares na Amazônia, o equivalente a 10% do território brasileiro;
- 5 milhões de "selvagens" viviam no Brasil quando Cabral aqui chegou;
- a situação dos índios é difícil, mas não há genocídio indígena hoje no país;
- os índios são vistos com simpatia pelos brancos e são tidos como símbolos;
- Raoni encontra-se com o Papa e Miterrand;
- existem três alternativas para a sobrevivência indígena;

existe ascensão social do índio no Brasil;
os índios são indenizados pela construção de uma hidrelétrica em suas terras;
muitos caciques brasileiros estão sentados em ouro.

Pressupostos

o índio é um latifundiário;
o não-índio está em desvantagem com relação à extensão territorial do índio;
existe muita terra para pouco índio;
não existe violência contra as populações indígenas hoje no Brasil;
o índio é apenas símbolo;
o índio é símbolo do diferente, exótico, quase coisa;
a situação do índio é melhor do que a situação de 9096 da população não-indígena do país.

O texto acima traz embutida na linguagem uma grande carga ideológica. O autor trabalha com dados reais, o que confere ao seu discurso um elevado grau de "veracidade".

Entretanto, os dados são manipulados com o objetivo de desviar a atenção dos leitores para outro ponto. A comparação entre a situação do índio e a situação do não-índio contribui para o julgamento da questão por parte dos leitores. O leitor, que tem muito mais conhecimento dos problemas sociais enfrentados hoje por milhões de brasileiros não-indígenas, é levado a refletir muito mais na situação destes do que na problemática que envolve a sociedade indígena hoje no país, que para muitos é distante.

O uso de palavras convencionalmente carregadas de emotividade, como: "selvagem", em oposição a "civilização", "exótico", "pé-de-guerra" podem contribuir para reforçar as idéias negativas existentes sobre os índios na sociedade brasileira não-indígena.

Encontrei no texto três casos que podem ser caracterizados como ruptura na comunicação. Os dois primeiros, no depoimento de Octávio Lacombe, "Os americanos dizimaram seus índios, mas no Brasil o índio virou prefeito e até governador" e "Nos Estados Unidos, os índios vivem em guetos nas reservas, mas aqui se casam com as moças brancas, viram soldados do Exército, dentistas e padres".

A primeira parte do depoimento pode ser interpretada como sugerindo que a dizimação dos índios nos Estados Unidos foi um fato ignominioso e que os índios brasileiros devem se sentir felizes por não terem tido a má sorte que lhes cabia por direito; aqui até ascenderam socialmente. Aí parece ter havido um caso de mal-entendido e sentido não-intencional, baseado em dois pressupostos: 1) não há dizimação de índios no Brasil; 2) os índios brasileiros estão em boa situação. Ainda neste depoimento, na segunda parte, Lacombe comete outro caso de ruptura, de não-cooperação, engano intencional e violação da máxima conversacional de qualidade de Grice (1982); ele afirma que no Brasil os índios chegam a ser prefeitos e governadores e que "viram soldados ..., dentistas e padres". Não se tem conhecimento de um índio que tenha chegado a governador de algum estado do Brasil,

nem mesmo a prefeito de um município. A afirmação é duvidosa. O termo "viram" dá a idéia de regularidade. Mesmo que se tenha conhecimento de que alguns de fato chegam a prestar o serviço militar, não parece ser verdade que cheguem a cursar uma faculdade de odontologia e de teologia com regularidade. A afirmação dá a idéia de que os índios estão vivendo muito bem. O terceiro caso de ruptura, está na afirmação de Bhon Rohnelt "Os Estados Unidos tiveram o cacique touro sentado", ... "Nós temos muitos caciques sentados sobre ouro." Aqui, o trocadilho deixa clara a ironia e a intenção do autor em confundir e influenciar o julgamento do leitor. É mais um caso não-cooperativo, onde o falante, ao usar a ironia e a ambigüidade, tem a intenção de confundir e enganar (Souza, 1983)-

Neste texto, a mensagem ideológica é: não há razão para se lutar em defesa dos povos indígenas, pois eles são muito mais afortunados que a maioria esmagadora da população brasileira e, além disso, estão atrapalhando o progresso nacional.

2º Texto: Yanomami querem manter garimpeiros em Roraima, *Correio Braziliense*, 13/7/89-

"Nós queremos viver como o homem branco vive, nós queremos viver bem, ter escola para os filhos, remédio e assistência para nosso povo". Estas palavras - ditas por um índio Yanomami em língua indígena e traduzidas por um Tuchaua da região - vão ser usadas como argumento pelo governo do estado e por líderes garimpeiros que se reunirão com os ministros militares na próxima terça-feira em Brasília, de onde sairá uma posição definitiva para a questão garimpeira de Roraima.

"Menina dos olhos" de entidades ecológicas e da Igreja, os Yanomanis[^] vieram ao encontro dos brancos em Boa Vista para dizer com precisão que querem ser ouvidos na questão e que não aceitam o fim dos garimpos. Primeiro, os treze líderes indígenas - apenas dois falam um português arrastado - procuraram a Cooperativa Mista de Garimpeiros do estado e pediram ajuda para ir a Brasília e dizer ao Governo Federal que todos, índios e brancos, igualmente são gente.

Os Yanomani, descalços e vestindo apenas calção, ganharam do líder garimpeiro José Altino Machado uma camiseta branca e foram ao encontro do governador Romero Jucá no palácio 31 de Março. Não se inibiram diante da curiosidade dos funcionários lotados no gabinete e deixados na sala de reuniões da sede do governo sentaram na principal mesa e calados e balançando as pernas, esperaram o momento para falar. Antes disso não deram uma única palavra e se ocuparam em rastejar pelo chão carpetado do ambiente, ficando um bom tempo debaixo das mesas.

Num apelo aflito o Yanomani João David Oiaconá, que comandava o grupo de indígenas, pediu que não tirem os garimpeiros da região, pois é da extração do ouro que depende sua sobrevivência e do restante das aldeias Yanomanis localizadas a oeste de Boa Vista, na região do Paapiú, invadida por mais de 50 mil homens vindos de todos os recantos do País.

Encontram-se nos textos três formas de escrever o nome da tribo Yanomami: lanomami, Yanomani e lanomani.

Juntos

"A presença do homem branco não atrapalha nossa cultura", disse João David. "Nós queremos é que todos trabalhem e comam juntos", completa. Ao passo em que se lançava em defesa dos garimpeiros o índio cortava seu discurso para acusar a Furtai e entidades estrangeiras de tentar convencê-los a testemunhar que as nações Yanomanis de Roraima estão sendo dizimadas pela presença do homem. "É mentira", gritava João levantando os braços.

Outro índio aculturado, Marcelo Yanomani, disse que o maior interessado na expulsão dos garimpeiros é a Comissão para a Criação do Parque Yanomani (CCPI), uma entidade criada e dirigida pela fotógrafa francesa, Cláudia Andujat que até hoje não foi reconhecida pelo governo brasileiro.

"Por que não trabalhar todos juntos?", indagou Marcelo, (...).

Os depoimentos de Marcelo Yanomani e João Oiacona vão recheiar o encontro de ministros em Brasília, na terça-feira. Eles serão levados por José Ahino Machado e viajarão em trajes de guerra para definir a intenção em defesa do garimpo.

"O que queremos é simplesmente fazer com que a Constituição seja cumprida", diz Altino Machado. "Nós estamos fugindo de uma posição unilateral até hoje pregada por falsos organismos que se intitulam defensores dos Yanomanis. Só agora é que eles vão ser realmente ouvidos sobre seu futuro".

Idéias expressas

encontro entre yanomami e o governo de Roraima;
presença do líder garimpeiro na reunião;
apelo de dois yanomami aculturados para que os garimpeiros não sejam expulsos da área;
a presença do homem branco não atrapalha a cultura do grupo;
os índios sobrevivem graças aos garimpeiros.

Pressupostos

a saída dos garimpeiros da área yanomami vai prejudicar a sobrevivência do povo;
os garimpeiros são os verdadeiros defensores do povo yanomami;
os índios deviam inibir-se diante dos funcionários do gabinete.

No primeiro texto, o índio foi apresentado como um grupo privilegiado que não necessita de defesa. Neste, por outro lado, ele é visto como um ser indefeso, incapaz de sobreviver sem ajuda externa.

O discurso do índio yanomami, carregado de emotividade, "Nós queremos **viver** como o homem branco vive, nós queremos viver bem, ter escola para os **filhos**, remédio e assistência para nosso povo", **leva o leitor** pouco informado sobre a problemática indígena, à interpretação simplista de que eles vivem muito mal e

de que a presença dos garimpeiros pode realmente solucionar os problemas do povo.

O uso de palavras e expressões emotivas como "apelo aflito", "sobrevivência", "é mentira", "falsos organismos", "todos trabalhem e comam juntos", "que todos, índios e brancos, igualmente são gente" direcionam o leitor para o ponto desejado pelos dominadores, ou seja, obter da opinião pública o respaldo para permanecerem na área como os verdadeiros defensores do povo.

Note-se a maneira como o autor descreve os índios nesse texto. Chama a atenção o fato de que não é feita nenhuma descrição dos brancos presentes na reunião. A omissão não é gratuita, a intenção tácita é de salientar as diferenças, porém de forma grotesca, reforçando no leitor as idéias negativas sobre a posição do índio na sociedade.

Enunciados como "... descalços e vestindo apenas calção,...", "Não se inibiram diante da curiosidade dos funcionários..." e "... se ocuparam em rastejar pelo chão carpetado do ambiente, ficando um bom tempo debaixo das mesas." confirmam o que foi colocado anteriormente e mostram a maneira preconceituosa como os índios são vistos no texto, como débeis mentais, como animais.

Os dois yanomami aculturados citados no texto são apresentados como falando em nome do povo. Temos aí uma metonímia; pertencendo ao grupo, porém aculturados, eles são escolhidos para falar em nome do povo o discurso que interessa ao dominador: o discurso que traz embutida a ideologia que pode ajudar na manutenção das relações desiguais de poder entre índio e não-índio.

Apresento, em seguida, dois pequenos textos que serão analisados em conjunto.

3º Texto: índio quer apito, *Veja*, 11/10/89.

Na semana passada, Paulo Paiakan, líder da nação caiapó e assessor para assuntos indígenas da Delegacia da Furtai em Belém, no Pará, fez sua estréia nos luxuosos salões do Hotel Waldorf Astoria, em Nova York, exatamente como seus anfitriões americanos queriam - ele portou-se como um "bom selvagem". Paulinho - como é chamado pelos amigos - recebeu uma medalha de honra na quarta reunião anual da Better World Society (Sociedade para um Mundo Melhor), entidade filantrópica dedicada às causas em prol do bem estar da humanidade e aos problemas da ecologia. Paiakan foi premiado na categoria de "Proteção do Meio Ambiente", ao lado de Mary Allegretti, presidente do Instituto de Estudos da Amazônia. Ao final da cerimônia, Paiakan posou para os fotógrafos ao lado de Yuri Dubinin, embaixador da União Soviética nos Estados Unidos, e de Jimmy Carter, ex-presidente americano. E pitoresco demais para os caiaapós, que alugam suas terras para garimpeiros e a Eletronorte em troca de dinheiro e cujo cacique anda de camionete, mora em casa de alvenaria na aldeia e tem um sobrado na vizinha cidade de **Altamira**.

4º Texto: Encomende **uma árvore no contrabando**, *Correio Braxiliense*, 09/04/89.

Que idade você tinha quando viu um índio pela primeira vez? Parece piada, mas não é. Para um brasileiro nascido abaixo **da linha** do novo estado do Tocantins, a possibilidade deste encontro vai depender da curiosidade humanística de

cada um. De resto, qualquer cidadão pode passar a vida inteira sem ver um índio e morrer na santa ignorância cristã. O grave desta história toda é que um País que tem uma política indigenista desastrosa e perigosa como a nossa não pode pôr o dedo em riste para acusar a Alemanha pela tentativa de extermínio dos judeus ou a África do Sul pelo tratamento dado aos negros. Tem que ficar calado.

Mas os índios não ficam. Quando eles dizem que "o Brasil vai mudar através do indígena", têm parte da razão. Estes órgãos do governo que estão atualmente brotando, ao lado da muito velha e inoperante Funai, são a prova de que encontros como o de Altamira podem cutucar a oficialidade. O Itamarati já sabe que a questão amazônica é um de seus maiores embaraços diplomáticos do momento. E foi o Marcos Terena quem disse outro dia: "O facão de Tuíra Caiapó está abrindo caminho para que os brancos sigam a trilha que vai dar num lugar chamado vida".

Um facão de dois gumes, de qualquer jeito. Já é possível perceber que são os índios brasileiros os que mais têm resistido - e sobrevivido - aos brancos das Américas. Para muitos deles, a solução é continuar intactos e agüentar as consequências da dita pureza cultural e racial, (...). Outros querem entrar na dança nacional, ao lado de todas as etnias. Se japonês pode, índio também pode.

Muitos índios já estão alertas para a questão, mas não se pode esquecer o ridículo que é Juruna, o índio que tentou virar gente civilizada. Tornou-se o bobo da corte da sociedade racista. Se eles querem chegar também a poder enfrentar a miscelânea brasileira é bom desconfiar do que pode acontecer. (...).

Parece que se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Mas os índios sabem como lidar com estes bichos, eu espero. (...).

Idéias expressas

Paulo Paiakan recebeu medalha de honra em Nova Iorque;
os índios caiapó alugam suas terras para garimpeiros e para a Eletro-norte;
a política indigenista brasileira é perigosa e desastrosa;
os índios brasileiros têm resistido mais que os outros aos brancos das Américas;
Juruna tornou-se uma espécie de bobo da corte da sociedade racista, tornou-se ridículo.

Nestes dois textos, o objetivo tácito parece ser o de reforçar nos leitores o preconceito existente para com o índio. Aqui, mais uma vez, ele é visto como um ser exótico, quase coisa, um selvagem.

No terceiro texto, a afirmação "ele portou-se como um "bom selvagem"", pode ser interpretada como "apesar de ser índio selvagem, Paiakan soube se comportar bem entre pessoas "civilizadas"". O texto traz algumas ironias, entre elas, "bom selvagem", "índio quer apito", "Paulinho - como é chamado pelos amigos -" e toda a parte final do texto que se inicia com "É pitoresco demais para os caiapós,...".

Ao dizer que é pitoresca demais para os caiapós a homenagem feita a Paia-kan, o autor está ironizando o fato de ele ter recebido uma medalha por defender o meio ambiente, enquanto que seu povo mantém negociações com garimpeiros. O texto faz parte da coluna *Gente*, uma coluna que traz informações rápidas relacionadas à vida de personalidades em destaque. É curioso notar que neste caso se tenha feito alusão às negociações mantidas entre membros da nação caiapó e garimpeiros/Eletronorte. O autor não se preocupa em explicar que tais negociações não têm o apoio de todo o povo caiapó e que Paia-kan se mostra contrário às mesmas. Aqui, o autor transgride duas máximas conversacionais de Grice (1983), as máximas de qualidade e quantidade, pois informou mais do que o requerido e divulgou fatos duvidosos, aos quais não forneceu evidências adequadas.

No quarto texto, onde o autor joga com a ambigüidade, a intenção parece ser denunciar o racismo. O autor se posiciona contrário ao que ele chama de "pureza racial". Ele explora a ambigüidade, jargões e expressões vagas e convencionalmente carregadas de preconceito e acaba transformando o texto num discurso ambíguo, pouco inteligível, preconceituoso e racista.

A pergunta inicial coloca o índio na posição de um animal raro, não um ser humano. Ninguém se preocupa em escrever perguntando "que idade você tinha quando viu um alemão, um grego, ura dinamarquês, etc, pela primeira vez?" A expressão "na santa ignorância cristã" reforça a idéia da superioridade dos brancos, os "cristãos", em relação aos índios. No enunciado "...não se pode esquecer o ridículo que é Junina, o índio que tentou virar gente civilizada" a oposição entre "índio" e "gente" e entre "índio" e "gente civilizada" é clara. Ora, índio em oposição a gente/gente civilizada, só pode resultar em índio como não-humano, animal.

Nos dois textos a ideologia implícita reforça o consenso de que a posição do índio é inferior à do não-índio.

5º Texto: Não à usina dos caras pálidas, *Afinal*, 07/03/1989.

Os índios temem a inundação de aldeias

"...Durante muito tempo o homem branco agrediu o nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos, e agora deve parar, nossos territórios são o Sítio Sagrado do nosso povo, moradia do nosso criador que não pode ser violado..." (trecho da carta de Altamira, 24 de fevereiro de 1989, ao final do primeiro encontro das Nações Indígenas do Xingu).

A reunião das 38 diferentes tribos brasileiras em Altamira foi muito mais que um protesto contra a construção da barragem de Belo Monte, na volta grande do Xingu. Foi além do sonoro e preocupado "não" ao complexo hidrelétrico que prevê a construção de 7 usinas na região, até o ano 2010, com seus efeitos negativos e diretos sobre 7 povos indígenas já ressabiados com as tragédias de Tucuruí, Balbina e Itaipu.

(...). Foi um momento inédito e privilegiado, em que os índios, diante do Brasil e do mundo, extravasaram o ódio histórico que têm contra o branco, o ódio agora canalizado para a ação política e não mais para a ação violenta com que tentaram se defender durante quase 500 anos, quando foram sempre os perdedores. Perderam tanto que quase desapareceram da face da Terra. Dos "Sítios Sagrados", onde eram cerca de 6 milhões por ocasião do "descobrimento", reduzidos hoje a

220 mil pessoas. A partir de agora, terão canais mais definidos de luta, esquecidos que estão das rivalidades intertribais, para canalizar suas energias na luta "civilizada" contra o branco ainda majoritariamente inimigo do índio.

"Nós enfrentamos homem, não é uma guerra, mas uma luta de peito aberto", esbravejou Canhon, entrecortando a palestra do diretor da Eletronorte para quem a eletricidade é "uma necessidade de toda a sociedade brasileira, em função do desenvolvimento". Ele informava que "do ponto de vista da engenharia", o projeto seria mais simples do que pensavam os índios e ecologistas e que só havia previsão das barragens de Kararaô (rebatizada para Monte Belo, por exigência dos Kaiapó, para os quais a palavra é um grito de guerra) e de Babaquara, esta última já fora de cogitação. (...)

Neste texto, aparentemente não existem implícitos negativos com relação ao índio, mas, na verdade, eles estão muito bem escondidos em expressões, tais como "rivalidades intertribais", "... canalizar suas energias na luta "civilizada"" e "...esbravejou Canhon". Ao dizer que a partir de agora os índios têm canais de luta mais definidos e que agora podem canalizar suas energias na luta "civilizada" está implícito que o índio é um animal que só agora está sendo "domesticado".

Outros implícitos são encontrados no discurso do diretor da Eletronorte. Ao dizer que a eletricidade é "uma necessidade de toda a sociedade brasileira, em função do desenvolvimento", ele está se colocando em defesa da maioria da sociedade brasileira, excluindo os índios da mesma, e está dizendo que os interesses dessa maioria não devem ser frustrados por uma minoria insignificante.

Outro ponto relevante neste texto é a forma vaga e imprecisa com que o número de tribos é apresentado. Na frase "A reunião das 38 diferentes tribos brasileiras" observa-se uma pressuposição evidenciada no uso do artigo definido que passa a idéia de que existem no Brasil apenas 38 tribos indígenas. Sabe-se que temos" no país cerca de 200 tribos distintas.

A pressuposição se apoia no contexto intertextual, atribuindo ao leitor um conhecimento de outras leituras sobre as tribos indígenas brasileiras que é de fato uma manipulação da informação pelo autor. Tal manipulação reproduz a ideologia da inferioridade dos índios.

6º Texto: Só chamando o John Wayne, O Dia -Teresina - 20/02/90.

Um observador de um país sério não iria acreditar. Mas, por incrível que pareça, o representante da Funai no Conselho Deliberativo da Sudene exigiu, na última reunião realizada em Garanhuns, a apresentação por uma empresa industrial de um atestado de que não existem índios no local onde será implantada uma nova fábrica. Nada de insólito se o terreno escolhido pela empresa não estivesse no Distrito Industrial da Caucaia, na área metropolitana de Fortaleza. (...). O governador do Rio Grande do Norte sugeriu que a Funai envie à Sudene um mapa detalhado, mostrando onde existe índio no Nordeste, permitindo assim que a presença nativa nos projetos seja de pronto identificada, acabando com esse besteiro do tal certificado de ausência dos nossos ancestrais contemporâneos nos lugares onde se pretende localizar indústrias novas. Esse é apenas um dos milhares de exemplos da violência que entrava o desenvolvimento brasileiro, e principalmente da região. Só a Funai não sabe que não existem índios no Ceará, a não ser uns qua-

tro gatos pingados do que foi a tribo dos Tapebas. (...). Daqui a pouco chega ao Recife o Sting, com seu incomparável companheiro, o cacique Raoni, e ambos podem paralisar a Sudene toda com as exigências descabidas dos defensores da natureza, incluindo o Ceará, Estado que em matéria de índio só tinha mesmo os Xavantes da FAB, já levados de lá para outra base. Pelo jeito só chamando o John Wayne. Mas para acabar com esses burocratas.

Idéias expressas

o representante da Funai no Conselho Deliberativo da Sudene exige apresentação de documento que ateste que não existem índios no local onde será implantada uma fábrica;
o terreno escolhido pela empresa se localiza na área metropolitana de Fortaleza;
não há índios no Ceará;
o poder de luta de Sting e Raoni.

Pressupostos

os índios atrapalham projetos de desenvolvimento na região;
índios e objetos (aviões) estão na mesma categoria;
o extermínio seria a solução.

Aqui, mais uma vez o índio é tratado sem o mínimo respeito. O texto trabalha com a ironia, o sarcasmo e com proposições que levam os leitores a um julgamento errado sobre a situação indígena diante dos projetos de desenvolvimento existentes no país. O índio é apresentado como um impecilho ao progresso nacional, até mesmo nas regiões onde a presença indígena é reduzida.

Há no texto a tentativa de apagamento da existência de índios no nordeste. Há também a sugestão implícita de que a solução seria o extermínio. Quando o autor diz que "Pelo jeito só chamando o John Wayne.", o leitor é levado a pensar nos filmes de "faroeste", onde John Wayne era um matador: a primeira idéia que vem à mente é a do "cowboy" matando índios. Este final pode ser interpretado da seguinte maneira: a) leitura do leitor: "Pelo jeito só chamando o John Wayne para acabar com os índios"; b) leitura do autor: "Pelo jeito só chamando o John Wayne, não para acabar com os índios, mas para acabar com esses burocratas". O leitor faz uma leitura, que é a desejada pelo autor; o autor, consciente do efeito produzido, se defende e leva a interpretação para outro ponto.

7º Texto: A morte ronda os índios **na** floresta, *Veja*, **19/09/1990**.

A febre do ouro está dizimando velozmente os ianomamis, o povo mais primitivo e isolado da Terra

Os índios ianomami são pouco mais de **10.000** homens, mulheres e crianças, perdidos em dezenas de aldeias no norte do Brasil, em Roraima. Eles ocupam uma área do tamanho de Portugal: com um índio para cada 10 quilômetros quadrados,

o país ianomami tem uma densidade populacional menor que a do Deserto do Saara. Como os gauleses da história em quadrinhos do Asterix, os ianomamis têm um enorme poder de resistência, um humor cortante e acreditam que o céu pode desabar a qualquer momento sobre suas cabeças - e, é claro, sobre a de todos os "nabe", a palavra com que eles se referem aos que não falam seu idioma. Pronunciada sempre com uma ponta de descaso, "nabe" define tanto um antropólogo sueco em visita à maloca como um índio caiapó do sul do Pará e um garimpeiro recém-chegado do Maranhão. Faz pouca diferença. Omame, o criador da humanidade, fez primeiro os ianomamis, colocou-os no centro do universo e foi descansar. Só depois se dedicou à tarefa de povoar as distantes terras periféricas com gente exótica. Os ianomamis riem dessa gente estranha que vai visitá-los. Se o branco desajeitado tropeça e cai num barranco, os índios gargalham e gritam era uníssonos, como se estivessem comemorando um gol.

Para os brancos, os ianomamis (palavra que significa simplesmente nossa gente) não são motivo de risos. Quanto mais poderosa a tribo de caras pálidas, mais ela está preocupada com o destino dos risinhos ianomamis. George Bush, cacique da grande aldeia americana do norte, fez questão de que a visita em uma maloca ianomami constasse de sua agenda quando marcou viagem ao Brasil. O príncipe Charles, pajé da taba real britânica, também queria conhecer os índios de Roraima. Tanto Bush como Charles acabaram adiando suas viagens ao Brasil, mas a Organização das Nações Unidas conferiu um diploma, o Prêmio Global 500, a um dos caciques ianomamis, pela luta de seu povo em defesa da floresta. A índia não está nem um pouco empenhada em defender a floresta, mas os chefes ianomamis estão tão preocupados quanto os brancos com a sorte de seu povo. Eles acham que ianomamis e brancos estão correndo perigo de vida, que em pouco tempo o céu cairá e a humanidade acabará. O mundo chegará ao fim, dizem eles, porque os ianomamis estão sendo exterminados. E esse extermínio que colocou os ianomamis nas manchetes da imprensa dos povos ditos civilizados do mundo inteiro. Às vezes, um número diminuto de pessoas é capaz de atrair as atenções do mundo inteiro. Em 1981, havia menos de 2000 ingleses nas Ilhas Malvinas - número ridículo, mas suficiente para atrair não só todos os olhares do planeta como também para arrastar a esquadra real britânica e as tropas argentinas a uma guerra selvagem. A mortandade, também, não explica sozinha a simpatia que os ianomamis despertam entre as tribos ocidentais. Na África, milhares e milhares de pessoas já perderam a vida em crises sucessivas de seca e de fome, provocando apenas um enternecimento protocolar no Ocidente. Os ianomamis são objeto de interesse por serem únicos e diferentes. Eles são o povo mais primitivo da face da terra. Estão na era neolítica: não conhecem a escrita, andam nus, fabricam apenas instrumentos rudimentares, vivem de uma agricultura precária (mandioca, banana e cana, para comer, e tabaco, para esfregar nas gengivas), da caça e da pesca, produzem somente o essencial para sobreviver e, portanto, não comerciam. Para as desenvolvidas tribos ocidentais, saturadas de poluição, stress, competição, rock, trabalho, televisão, neuroses, engarrafamentos de trânsito, ciência, Aids e cocaína, os ianomamis representam miticamente o sonho de uma outra vida. Uma vida em comum com a natureza, numa sociedade que desconhece as noções de história e progresso.

ROMA E XIXA - Por deduções lingüísticas, os especialistas estimam que os ianomamis existem como grupo distinto há pelo menos 1000 anos - e do mesmo jeito. As outras tribos pensaram a filosofia grega, produziram a glória de Roma, inventaram o cristianismo, dilataram a fé e o império, fizeram a Revolução Francesa, mandaram o homem à lua, idolatraram Xuxa e, enquanto isso, os ianomamis estavam na mesma, remando suas canoas na Amazônia. A perda dessa miragem, a destruição dos ianomamis, significaria para os ocidentais o esvanecer da diferença, que o mundo industrial está cada vez ficando mais parecido consigo mesmo. Há muito de idealização no olhar dos civilizados em direção aos ianomamis bons selvagens. Entre eles, os homens são polígamos e as mulheres pegam duro no batedor, carregando crianças e lenha por mais de uma hora na floresta. Os ianomamis matam os filhos indesejáveis - especialmente os do sexo feminino -, asfixiando recém-nascidos. Banho, só para refrescar, e higiene, nem pensar. Aos 10 anos, os ianomamis já não têm as unhas dos pés, comidas por bichos. Aos 20, os ossos cranianos deles estão abaulados, tantas e tamanhas são as porretadas que trocam entre si. Extremamente belicosos, os ianomamis têm na vingança um caráter marcante de sua cultura - e se batem permanentemente, com um vigor furioso.

(...). Suponha que por um plebiscito a maioria dos brasileiros decida, por exemplo, que os antropólogos têm razão e que os ianomamis devem ter seus domínios do tamanho de Portugal demarcados e respeitados integralmente como um santuário. Suponha também que uma epidemia natural de cólera comece a dizimá-los. Seria justo que a FAB e a Funai se movimentassem para ajudá-los a combater a epidemia ou isso seria uma intervenção cultural inaceitável no seu modo de vida? São questões que precisam ser respondidas se os brasileiros não quiserem que os ianomamis tenham o mesmo destino dos quase 5 milhões de índios que viviam no Brasil quando Pedro Álvares Cabral avistou o Monte Pascoal. Desses restam hoje pouco mais de 130.000 índios - e pouquíssimos ainda mantêm seus hábitos culturais. A maioria foi reduzida a cidadãos de segunda classe. (...)

Idéias expressas

**os Yanomami ocupam uma área do tamanho de Portugal;
eles não estão preocupados em defender a floresta;
os yanomami são únicos e diferentes; são o povo mais primitivo da Terra;
restam hoje no Brasil, pouco mais de 130 mil índios;**

Pressupostos

**a população yanomami é muito pequena para ocupar uma área do tamanho de Portugal;
os yanomami são bobos, débeis mentais que riem por qualquer motivo;
são seres insensíveis que se alegram com a desgraça dos outros;
é injusta a preocupação demonstrada por alguns grupos para com os yanomami; eles não são melhores que outros povos oprimidos da Terra;**

Este texto, assim como o primeiro, está carregado de implícitos negativos com relação ao índio. Aqui, o objetivo principal parece ser o de difamar o povo Yanomami diante da opinião pública brasileira. Para o leitor desavisado, o texto pode se constituir numa denúncia séria sobre a situação de conflito na área yanomami. O autor permeia o texto com dados concretos, alguns reais, outros manipulados. A palavra "perdidos" no início do texto, leva o leitor a imaginar o povo como um bando de animais espalhados pela mata, sem direção. São descritos como se fossem bichos, não seres humanos. O autor não se preocupou em mostrar o conhecimento que eles têm de seu ecossistema, com o qual convivem desde tempos imemoriais.

Ao comparar os yanomami com os gauleses do Asterix, chamando-os de risinhos, o objetivo implícito foi o de ridicularizá-los, tratando-os como tolos e debíloides. Quando diz que os yanomami riem dos brancos, como se estivessem comemorando um gol, o autor não está querendo dizer que eles são alegres, mas que são insensíveis e brutos. As alusões sarcásticas à mitologia do povo também se constituem numa tentativa de inferiorizar a cultura yanomami.

Entre as várias palavras e expressões preconceituosas, uma se destaca, "indiaiada". É uma palavra pejorativa, carregada de preconceito e discriminação.

A descrição feita sobre a cultura yanomami é também preconceituosa, racista e bastante duvidosa. São descritos como animais, preguiçosos, tolos e incapazes de evoluir culturalmente: "Estão na era neolítica: não conhecem a escrita, andam nus, fabricam apenas instrumentos rudimentares, vivem de uma agricultura precária^..), da caça e da pesca, (...), portanto, não comerciam."; "...numa sociedade que desconhece as noções de história e progresso."; "Entre eles, os homens são polígamos e as mulheres pegam duro no batente,(...)."; "Os ianomamis matam os filhos indesejáveis - (...) -, asfixiando recém-nascidos. Banho só para refrescar, e higiene, nem'pensar."; "Extremamente belicosos, os ianomamis têm na vingança um caráter marcante de sua cultura - e se batem permanentemente, com um vigor furioso."

Essa descrição cria nos leitores uma imagem negativa sobre o povo yanomami, imagem que pode resultar em efeitos perlocucionários negativos. A sociedade brasileira não-indígena, na sua maioria, se identifica nominalmente com o cristianismo católico, onde, pelo menos em tese, a poligamia e o aborto não são aceitos. Ao tomar conhecimento que existe no país um grupo que pratica a poligamia e o infanticídio, as reações do público provavelmente não serão as melhores. O autor não se preocupa em colocar os fatos culturais dentro de uma perspectiva científica, pois o objetivo é confundir e direcionar os leitores para um propósito específico. Há aqui uma ruptura na comunicação que pode ser caracterizada como um caso não-cooperativo e de engano intencional (Souza,1983).

A mensagem ideológica do texto é: será que os yanomami merecem ser defendidos e preservados como povo?

Apresento, a seguir, dois textos que fazem parte da seção "Carta dos Leitores" do jornal *O Globo*, de 05/02/90 e 08A)2/90, respectivamente.

Ianomamis

Tenho acompanhado o problema das reservas indígenas e dos garimpos nas terras da tribo dos Ianomamis. Segundo Sarney são 9-910 índios na reserva. Para

que fiquem em paz, devem sair 45 mil garimpeiros. Ora, índio vive de caça, garimpeiro vive de ouro. Caça deve existir em toda mata virgem do País. Ouro existe em limitadas regiões que estão sendo exploradas. Não seria mais fácil mudar 9.910 índios com seus atabaques e indumentárias de pena do que transferir 45 mil garimpeiros com suas dragas, bateias, motores, bombas, encanamentos, etc... além da necessidade de novas pistas de pouso para abastecimento dos novos garimpos, novas derrubadas de árvores...?

Ianomamis

Apreciei em demasia a carta do Sr. Marcus Odilon, Prefeito da Cidade de Santa Rita, na Paraíba, sob o título Ianomamis. Pela primeira vez vejo alguém falar a verdade sobre nossos índios, que são preguiçosos, indolentes, vagabundos, e lamentavelmente proprietários de vários hectares de terras em(...) que nada produzem, e que para eles servem simplesmente para recreação, ou seja caçar e pescar. É necessário que nosso Governo faça uma lei que permita a extração dos minerais de nosso solo, mesmo que em terras indígenas, recebendo esses, em troca, não dinheiro, mas escolas, postos de saúde e outros serviços que permitirão não só ao índio, mas também aos nossos garimpeiros, um melhor meio de vida para si e a família, e melhores reservas para nosso Governo.

Deixemos de vaidade, sejamos realistas: nossos índios não são merecedores do valor que nosso povo lhes dá.

Nestes textos o implícito é "os índios, população reduzida e preguiçosa, estão interferindo na vida de 45 mil trabalhadores e, conseqüentemente, no progresso do país".

As proposições sobre o índio levam o leitor a desprezar a seriedade da questão. Ao dizer, "Ora, índio vive de caça (...). Caça deve existir em toda mata virgem do País.", o leitor/autor está reproduzindo o discurso dos livros didáticos, o discurso que virou consenso e que contribui para a legitimação das relações desiguais de poder entre não-índio e índio.

Esses dois textos comprovam de forma bem clara que a linguagem em seus efeitos de sentido pode determinar as ações das pessoas. Os autores se manifestam com base no discurso da imprensa, transformado em consenso na sociedade brasileira. Tal consenso justifica e legitima o extermínio indígena.

Conclusão

Ao analisar o discurso sobre o índio na imprensa escrita, constata-se que ele é desfavorável ao índio. Em quase todos os textos, observa-se a defesa dos interesses dos poderosos em nome do desenvolvimento e do bem-estar da população brasileira.

Os dados são manipulados, as máximas conversacionais são violadas, comparações duvidosas que apelam para a emotividade dos leitores são empregadas e, quando interessa, é feito o apagamento da realidade.

Expressões vagas são utilizadas na apresentação de dados estatísticos. Há também contradição nos números apresentados por uma mesma fonte. O Io. texto, "Todos no Morumbi", da revista *Veja*, diz que há na Amazônia 136 mil ín-

dios, sendo que 10 mil deles estão em Roraima. No 7o. texto, "A morte ronda os índios na floresta", também da *Veja*, o número total da população indígena brasileira é de "...pouco mais de 130 mil índios...", sendo que, destes, "...pouco mais de 10 mil..." são yanomami. Ao falar sobre a população indígena de Roraima, "...os 10.000 índios de Roraima tiveram suas reservas invadidas...", estaria a *Veja* se referindo apenas aos yanomami, sem levar em conta que ali vivem outros oito grupos indígenas distintos? Outro dado estatístico vago é sobre a população indígena na época em que Cabral aqui chegou. A *Veja* registra "5 milhões" e "quase 5 milhões", enquanto que a *Afinal* registra "6 milhões". No 5o. texto, a *Afinal* inicia a matéria dizendo "A reunião das 38 diferentes tribos brasileiras...", o que dá a idéia de que existem no Brasil apenas 38 tribos indígenas. Por que não "A reunião de 38 das aproximadamente 200 tribos brasileiras"? Ainda na *Afinal*, há contradição nos números apresentados sobre a população indígena atual. No mesmo texto se encontra "... reduzidos hoje a 220 mil pessoas..." e "De 6 milhões, hoje reduzidos a 200.000". Essas imprecisões e contradições não parecem ser fortuitas. Ao contrário, elas representam uma atitude sistemática de descaso para com a questão indígena, o exterminio dos índios, a realidade dos fatos.

O índio ainda é considerado um ser primitivo, exótico, nunca um ser pleno, capaz de dirigir seu próprio destino. É considerado como uma propriedade cios não-indígenas, como aparece no discurso do leitor/autor, no *O Globo* de 08/02/90, "nossos índios". O preconceito existe, apesar das tentativas de alguns grupos conscientes para extingui-lo. Enquanto a opinião pública for direcionada para a idéia de que os índios são "diferentes", "preguiçosos" e "exóticos", o preconceito vai continuar existindo e os direitos humanos dos povos indígenas serão ignorados. É preciso conscientizá-la de que as diferenças existem, mas são diferenças culturais e lingüísticas que em nada tornam os índios seres incapazes. O discurso da incapacidade „é reproduzido pela imprensa que se utiliza da linguagem para dirigir o senso comum, contribuindo assim para manter relações desiguais de poder entre índios e não-índios.

Cabe àqueles que trabalham com a linguagem a tarefa de desmascarar toda forma de discurso que traga implícitos o preconceito, a discriminação e ideologia visando a manipular a opinião pública, com o fim espúrio de manter os interesses de grupos dominantes.

Referências Bibliográficas

- Chauí, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983-
Ducrot, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
Fairclough, N. *Language and power*. London: Longman, 1989-
Grice, H. P. Lógica e conversação. In Dascal, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Vol. IV. Campinas, 1982, pp. 83-103.
Levinson, S. C. *Pragmatics*. Cambridge University Press, 1983-
Orlandi, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
Souza, D. M. de. Action-guiding language. *Journal of Pragmatics*, 7: 49-62, 1983a.

Filosofia, linguagem o comunicação. São Paulo: Cortez; lirasília: CNPq, 1983b.

_ Dialogue breakdown. In Dascal, M. (ed.) *Dialogue: an interdiscipUnary approach.* Amsterdam: John Benjamins, 1985, pp. 415-26.